

POEMAS

De Zé Mariano

“Encarcerado”

(Obrigado, Cruz e Sousa)

Da caixa preta vê-se o laço.
Do puro aço vê-se o som.
Surdo, perdido nas linhas que eu traço.
Preso no traço casto da imensidão.

Costas alvas tento tocar,
E guiar-me na escuridão.
Até arrancarem-me as pernas
E os braços e jogarem-me
Em um camburão.

Do camburão escuto vozes:
Algozes ou irmãos?
Perdidos nos rios de água salgada.
Vestidos com a manta parda da incompreensão.

Da incompreensão vê-se um corpo.
Do clarear torto vê-se o zumbido.
Grito,
Ninguém me chama.
Grito,
Ninguém eu sinto.

Pouco a pouco eu oro,
Caído, rogo em vão.
Pois se de um céu eu vejo um branco,
Do negro eu vejo um chão.

“Estação da colheita de algodão”

Deixado só com a tristeza em riste,
(amado apenas por um carrasco
de coração pululante, receoso de
cortar a cabeça e para sempre
ter um peito afundado em culpa).

Colocaram-me para semear e colher.
(sentido apenas pelo calor sagrado
que obriga a gota a cair dos rachados
do rosto, das linhas tortas do pranto)

Assim retenho um germinar
(gemidos de amores maiores,
temores que não preenchem as lacunas
dos gritos que sou loucos, dos gritos que sou só)

Na palma de minha mão.
(nascem caminhos e buracos.
deito-me em um chão de barro,
um lamaçal me cobre o peito,
na proteção do útero de uma mãe)

“Do meu nascimento”

Atraquei o pescoço em uma corda pendente
Na tentativa de domar um penar.
Iludi tantas vezes o meu povo clemente,
E eu cego, e eu morto, dois tiros no peito.

A clamar:

- Maria é minha mãe!

Pois se de Maria veio o menino Jesus,
O menino José veio de onde então?

Das fezes dos urubus que comem os restos dos meus irmãos?

Do refluxo dos causos que me tornaram um descrente?

A corda roçou o ombro nu,
Pendente pela asa do anjo branco
Que irá levar-me para longe daqui.

Remontado, montado e remontado tantas vezes em vida
Que logo perdi a conta de quantos perdi no caminho.

“Uma história sobre o mito do menino Jesus”

Sepultaram o corpo no mar.
Mamãe velha cantou um choro
Baixinho, tão baixinho
Que virou sopro
Ressentido de moça nova.

O velho bêbado,
Lembrando do filho,
Segredou ao companheiro de rua:
- Vai chover...

E ao subirem o caixão
Aos ombros, um mar afogou
Os suplícios; um riacho
De doçura lavou os peitos
Nus e os olhos vermelhos.

O corpo estava vivo.

O menino arfou.
Gritou:

- José, coração de todos!

E o público aplaudiu.

(Aplaudiram o dito)

E de um corpo em frangalhos
Fez-se o vulto,
Transparente, e surdo
De uma vida que passou.

Atônitos, todos se perguntavam
Se o menino Jesus era nascido.

“Um perdão perante aquele”

Perante àquele,
Dois palmos de mão serão
Suficientes para tapar
O grito do Senhor.

Os olhos fundos pedirão perdão
Pois tua criança estará a olhar.
E as mãos exigirão clemência.

Afundarão aos pés tantas pedras
Que lágrimas cor de fumaça
Verterão aos póros suplicantes.

Assim a faca cortará para os dois lados.
E no teu pescoço afundarei, aos olhos dos meus
E dos seus,
A insossa vida a que me destinaram

* **ZÉ MARIANO** (SÃO PAULO), poeta, pesquisador e professor. Formado em Letras, pela Universidade de São Paulo, é mestrando em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, pela mesma faculdade, lidando com temas como literatura afro-brasileira, literatura e identidades e relações de gênero em produções artísticas. Foi editor da revista Crioula, publicação virtual de pós-graduandos do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Atua também como educador em torno de temas como literatura, educação e relações étnico-raciais. Teve poemas publicados no portal Ruído Manifesto.